

OS CARTÉIS DA ESCOLA INTERCONTINENTAIS E BILÍNGUES

FOLHAS SOLTAS



N ° 5
NOVEMBRO 2024

O advir analista e o ato psicanalítico

Boletim aperiódico dos cartéis da Escola internacionais e bilíngues

FOLHAS SOLTAS

N ° 5

NOVEMBRO 2024

O CAOÉ, Colégio de Animação e de Orientação da Escola, tem o prazer de lhes apresentar a 3ª edição eletrônica da FOLHAS SOLTAS destinadas à circulação dos trabalhos dos “Cartéis intercontinentais e bilíngues”.

FOLHAS SOLTAS visa constituir um “espaço de ressonância” no seio de nossa Escola a partir das diferentes produções individuais desses cartéis. Publicamos assim nas FOLHAS SOLTAS N°5 os textos das intervenções da meia-jornada de 14 de setembro de 2024 que reuniu mais de 150 pessoas por ZOOM em torno do tema:

“O advir analista e o ato psicanalítico”

A série continuará com FOLHAS SOLTAS N°6: **“A intensão e a invenção da psicanálise ?”**

Esses cartéis e a transferência de trabalho que eles tornam possível, têm efetivamente permitido novos laços entre os membros da EPFCL e nos fez saber sobre a diversidade, particularidades locais, expansão sempre em movimento dos Fóruns das cinco Zonas da IF que se baseiam em um único princípio: a extensão da intensão da psicanálise, seja isso que mantém o próprio “do discurso analítico em ato nos tratamentos”.

Ter a iniciativa, declarar um cartel e se engajar em transmitir isso que essa transferência de trabalho permitiu de produzir: é assim que para cada um, “fazer escola” não é uma palavra vã, pois todos estamos engajados em contribuir para a elaboração de um saber quanto ao princípio lógico e ético disso que “faz” um psicanalista capaz de sustentar a psicanálise.

Todos os Cartéis são da Escola, digamos, desde “O Ato de fundação” e abertos a todos. No entanto, os cartéis da Escola do CAOÉ, intercontinentais e bilíngues convidam precisamente os **membros da Escola** a realizar isso por estarem engajados a se inscreverem como parte interessada da EPFCL e da instância de seu objeto. Lembramos aqui os termos dos Princípios para uma Escola: se trata para um membro da Escola “de um engajamento específico que não é somente engajamento na psicanálise em intensão, mas, além disso, uma ‘intensão’ sem fronteiras”.

Nossa Escola é internacional e fala múltiplas línguas, nossos dispositivos de trocas não seriam possíveis sem a disposição e o enorme trabalho das equipes de tradutores que agradecemos muito particularmente aqui. As diversas experiências com os tradutores, da IA, nos fazem apreciar ainda mais a disponibilidade deles: OBRIGADA!

O Colégio de Animação e de Orientação da Escola. CAOÉ : Carolina Zaffore,
Dominique Fingerhann, Ana Laura Prates, Rebeca García, Didier Castanet, Diego
Mautino, Daphné Tamarin.

Obrigada à :

Ana Alonso (Esp), Ana Laura Prates (Br), Anne Marie Combres (Fr), Daniela Salfatis (Br), Daphné Tamarin (Eng), Debora McIntyre (Austr), Dyhalma Avila (Puerto Rico), Diana Correa (Col), Diego Mautino (It), Fabio Franco (Br.), Glaucia Nagem (Br), Lucia Maria Abrahão (Br.), Magali Reynaud (Fr.), Mikel Plazaola (Esp), Nathaly Ponce (Panama), Pedro Pablo Arevalo (Esp.), Rebeca Garcia (Esp), Susan Schwartz (Austr).

SUMÁRIO

Apresentação p. 2-3

Abertura:

Rebeca Garcia (CAOE - Espanha)

Flashes do real p.4

Didier Castanet (CAOE - França)

O advir analista: o ato analítico p.5

Maria Claudia Formigoni (Brasil)

Alegría, marca de analista p.8

Esther Morère Diderot (França)

A graça do cartel internacional, seu turbilhão p.11

Gabriela Costardi (USA)

O corpo como evidência p.14

Bernard Toboul (França)

O passe inquieta a cura p.17

Matías Laje (Argentina)

A função do passe no teatro de lalíngua p.20

Cora Aguerre (Espanha)

O devir analista: o ato do psicanalista.p.23

Rebeca García



Rebeca García Sanz é psicanalista em Madrid, membro da EPFCL desde a sua fundação e AME da EPFCL. Membro do Foro de Psicoanálisis de Madrid e membro fundador em 1999 e professora do Colégio de Psicoanálisis.

Embora tenha trabalhado durante vários anos como professora na Universidade e como supervisora de equipas de atendimento nos Serviços Sociais da minha comunidade, nos últimos anos tenho-se dedicado apenas à prática clínica.

FLASHES DO REAL

Abertura 1

O título com o qual abordamos nossa Jornada poderia sugerir dois tempos diferentes em relação à questão da passagem a analista, questão crucial para situar no dispositivo do passe.

Para abrir a questão, menciono aqui o comentário de Lacan quanto aos efeitos do dispositivo do passe. Está em sua intervenção na sessão de trabalho "Sobre a experiência do passe", de 3 de novembro de 1973. Nesta intervenção, Lacan sublinha o "radicalmente novo" do dispositivo do passe e como a experiência supôs algo comovente, "algo assim parecido ao relâmpago". Evocação que leva Lacan ao aforismo de Heráclito "...o relâmpago governa (o assumo o timão) todas as coisas".

Esse "todas as coisas", Lacan vai comentar, não constitui um universal, mas destaca um "todos" radicalmente distintos entre si: "Todos são regidos pelo relâmpago". E se pergunta: "Pode o passe pôr efetivamente em destaque, frente a quem a ele se oferece, como é capaz de fazer um relâmpago a um certo setor de sombras de sua análise, com uma luz totalmente distinta?"

Em outro momento na "Proposição..." vai falar da "sombra espessa" que recobre a passagem de analisante a analista.

Um momento, pois, de "revelação", vai dizer no mesmo texto, em ruptura com o tranquilo "advir" do outro aforismo de Heráclito: "Todas as coisas fluem". (Panta rei)

Nada garante que uma análise "flua" em direção ao desejo do analista", ainda que nesse fluir, esse advir, possamos captar a lógica do que foi a cura: o que foi dos sintomas, do fantasma, da transferência, da destituição subjetiva, do final... Mas ficariam um tanto

apagados se não pudéssemos apreciar esses outros momentos não antecipáveis, inesperados, comoventes, que vieram a iluminar, a revelar o que se produziu na experiência analítica e o que dessa experiência os levou a ocupar a posição a partir do ato em destaque.

Há outro momento no Seminário sobre "A angústia", onde Lacan menciona o "relâmpago" justamente falando das sessões de supervisão, onde o supervisor "...faz surgir em um relâmpago o que é possível captar mais além dos limites do saber." (Lição de 21/11/1962)

Poderíamos pensar este "relâmpago" como aqueles clarões do real que irrompem no advir de uma análise, revelando que assume o timão de todas as coisas, e por tanto permite reordenar os distintos momentos da cura? No es a surpresa que aparece também nos cartéis do passe?

Tradução : Ana Laura Prates (Fórum de São Paulo)

Revisão : Glaucia Nagem

ooo

Didier Castanet



*Doutor em Psicologia, Psicanalista, membro da EPFCL, AME
Dirigiu, junto com Michel Bousseyroux, a revista "l'En-Je lacanien" criada em 2003.
Editorialista da revista, também escreveu vários textos nela.*

O ADVIR ANALISTA: O ATO ANALÍTICO

Abertura 2

Se interrogar sobre a psicanálise em intensão é se interrogar sobre o desejo de analista, e mais precisamente sobre a emergência desse desejo. Esta questão comporta duas versões: aquela do analisante e aquela do analista. Em outras palavras, há duas vias a explorar.

Pequena volta atrás.

Quatro anos após fundar a Escola freudiana de Paris, Lacan, na « Proposição de 9 de outubro de 1967 », inventa o procedimento do passe e o coloca em votação em janeiro de 1967.

O texto da « Proposição », votado naquele momento, bem como os textos ou discursos que Lacan contribui para os debates, precisando os desafios. Eles são aqueles de um saber (da cura) e de sua transmissibilidade (no grupo).

Lacan instituindo o passe coloca um ato pelo qual ele reconhece ou faz a hipótese (?) que não se escolhe advir analista, mas se advém. Isso não é uma escolha, é mais uma mutação. A instalação como analista corresponderia mais à perspectiva da análise didática no sentido onde o analisante decide, escolhe se instalar, toma a decisão de exercer esta atividade profissional, o que pode ou não corresponder, sabemos, ao fato de ter mudado em relação ao que tem de verdade no saber, a ponto de advir analista.

Há o desejo de ser analista e o desejo de analista. A psicanálise didática representa a escolha, o desejo de ser analista, a instalação como analista, enquanto o passe representa o advir analista, o desejo do analista.

O passe, inventado no ponto de não saber do 'analista, de onde se ordena o quadro do que há a saber, é um dispositivo onde se espera o reaparecimento de um saber esquecido desde Freud, um saber concernente ao fim da análise e o momento de passagem a analista.

Ele é o meio que colocará os analistas ao trabalho sobre seus próprios impasses, que podem se esclarecer pela luz trazida sobre esse momento: nele é interrogado o ato do analista, que levou o sujeito até essa passagem onde ele faz por sua vez o passo desse ato.

O passe questiona também o grupo. Ele inventa uma estrutura tal que o saber se transmite não mais “por meio das manifestações vergonhosas da verdade”¹ onde Lacan lê o retorno do recalco nas sociedades-igrejas constituídas por Freud, mas aposta em uma carta a mais. Lacan tenta assim subverter o grupo « Escola freudiana » em um turbilhão de títulos e de funções que a única regra reporta à análise, em um « laço social livre de toda necessidade de grupo », ele nos diz em « O Aturdido », *Outros Escritos*, p. 475.

A psicanálise deve ser o líder do grupo, e não o inverso.

Nas duas vias que eu evocava, há aquela onde o desejo do analista advém para um analisante, momento crucial da experiência analítica, e que se produz na cura. É disso que o passante deve testemunhar no procedimento do passe, ou seja, dizer algo dessa reviravolta, não sob a forma de um saber elaborado, mas nos termos que são aqueles da experiência própria a cada um, em termos de afetos, de sintomas, de anedotas... Lacan inventou o procedimento do passe para fazer falar esse momento particular para compreender o acontecimento do desejo do analista e daí fazer a teoria. Com esta invenção Lacan faz a aposta que um dispositivo fora da transferência, o dispositivo do passe permitirá ganhar sobre o não dito.

Mas não podemos considerar a emergência do desejo do analista sem se interrogar também sobre o ato do analista propriamente dito. Esta segunda via diz respeito à transmissão. É uma vasta questão. Eu colocaria de maneira simples a questão da seguinte maneira, « Como o ato do analista opera para que advenha o desejo do analista em um analisante? Será que isso se transmite? » E sabemos que Lacan respondeu a esta frase, « ...a psicanálise é intransmissível ». Certamente, ninguém contestará que, para que o desejo do analista advenha, é preciso por um lado da experiência da cura, e por outro lado, um analista que possa sustentar o trabalho analisante na cura, de seu início até o passe e ao fim... E para esta difícil tarefa, é necessário do analista. Isso posto, a questão que resta é saber se isso se transmite, o que se transmite e como se transmite.

Tradução : Ana Laura Prates (Fórum de São Paulo)
Revisão : Glaucia Nagem (Fórum de São Paulo)

¹ Lacan em « A psicanálise e seu ensino », *Escritos*, p. 460.

Maria Claudia Formigoni



Psicanalista em São Paulo. Membro do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (FCL-SP) e membro de Escola da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Atualmente, integra o Colegiado de delegados da IF-EPFCL (2023-2024). Coordenadora da Rede de Pesquisa Psicanálise e Infância do FCL-SP. Mestre em psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ALEGRIA, MARCA DE ANALISTA

A partir do trabalho em alguns cartéis e sobretudo nos intercontinentais, “Corpus”² e “Sobre o passe e o final de análise”³, pude, finalmente, formular a pergunta: qual a relação entre a alegria e o desejo do analista?

Lacan refere-se à alegria em “Alocução sobre as psicoses da criança”. Afirma que os analistas não parecem muito valentes e nem muito alegres para sustentar o ser-para-o-sexo. Contrapõe a alegria à tristeza, sustentando ser essa o maior dos pecados. Diz também ser alegre e se divertir com o que faz.

“Alocução” é do mesmo ano que o seminário sobre o ato psicanalítico e que a “Proposição”. Na “Proposição”, Lacan diz que o fim de uma análise é a passagem de psicanalisante a psicanalista, momento em que o primeiro decai de sua fantasia e é destituído como sujeito.

“Nessa reviravolta em que o sujeito vê soçobrar a segurança que extraía da fantasia em que se constitui, para cada um, sua janela para o real, o que se percebe é que a apreensão do desejo não é outra senão a de um des-ser”⁴.

A partir desse ponto, não há mais nada que possa encobrir a castração. Há efeitos radicais na vida de cada um. A relação consigo, com os outros, com o amor, com o trabalho muda.

² Cartel com Alejandro Rostagnotto, Esther Jiménez, Franc Estevez Roca e Ida Freitas

³ Cartel com Adriana Alvarez, Carmen Nieto, Leonardo Assis e Soledad Carro

⁴ Lacan, J. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003, p. 259.

A existência não tem mais como ser a mesma. Já não há caminhos para voltar. Mas ainda há passos a dar.

Anos e anos de análise levam a formular que: da alergia à alegria, é um pulo. Susto. Surpresa. Horror. Para pular, é preciso ficar solto no vazio. E esse é um pulo que se dá sozinho. Ponto crucial da travessia. Mas esse pulo não se dá num pulo. Começo do fim.

“É preciso tempo para fazer traço daquilo que falhou em se revelar de saída”⁵. Nesse(s) tempo(s), a cada giro, um passo de real, um encontro com o impossível. Encontro angustiante, mas provocador de uma inquietação que faz querer saber. Encontro que, no fim, é um começo, uma abertura que causa – ao menos para aqueles que consentem com isso.

Com a queda definitiva da crença em um Outro que sabe, rompe-se com ele, culminando na ruptura com o analista que sustentou esse lugar até então. Ato de solidão absoluta que permite uma nova modalidade de laço, não mais pela via da fantasia, e sim a partir de uma noção outra de alteridade que viabiliza sustentar a diferença fundamental. Autorização, marca singular para abordar o real que a experiência decanta.

No percurso de uma análise, o sujeito conclui que é sozinho – fora de série, único, sem identificação com o outro. A exceção⁶ desembaraçada do Outro converte-se em causa. Experimenta-se um efeito de castração radical, depara-se com um saber furado. Consentir com a falta de saber faz querer saber, podendo advir assim um desejo inédito: o desejo do psicanalista.

Esse desejo, sabemos ser contingencial, pode ou não advir. Quando advém, é consequência de um ato que se desdobrará em dois. O ato do analisante que pôs fim à análise, à determinada modalidade de laço. E o ato sustentado pelo psicanalista a cada vez e com o qual opera no discurso analítico; ato que inicia e sustenta uma análise.

Sabemos também, com Lacan, que o desejo do analista traz a marca do pulo. Marca da maneira como um analisante adveio analista. Há, portanto, marca de analista. Marca essa que não se comunica, nem se pronuncia, mas que se transmite, podendo ou não ser encontrada pelos congêneres⁷.

As contingências da vida trazem de novo a alergia. Mas o que se constrói em uma análise permite não se perder mais nisso. Mesmo que dê trabalho, é possível resgatar algo daquele pulo, incluindo o artifício construído para bordejar o real. Quem disse que não era possível fazer um tango alegre? A alegria, entendo, tem justamente a ver com a possibilidade de sustentar o Um sozinho, que pôde entrar em cena ao final da travessia. Alegria por ter dado o pulo.

⁵ Lacan, J. (1970) Radiofonia. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003, p. 427.

⁶ Refiro-me aqui à exceção como apresentada no quadrante de Peirce: o isolamento contingencial de um traço particular como fundamento de um universal para o sujeito; traço apagado que suporta a existência do sujeito em sua singularidade.

⁷ Lacan, J. (1973) Nota italiana. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003, p. 313.

Nesse sentido, se o desejo do analista carrega a marca dessa passagem, podemos dizer que é marcado então pela alegria.

Essa alegria não é a alegria cotidiana, corriqueira. É a “surpresa por um desejo que não sabíamos ter”⁸. É a sustentação do “próprio estado de desejo”⁹. É uma “alegria abstinente, despojada da mania e da euforia”¹⁰. A alegria marca, e traz a marca de um ato.

Uma psicanálise, como vimos, pode produzir para alguns um desejo de sustentá-la, ocupando-se da psicanálise na clínica dirigindo tratamentos analíticos (intenção) e, por que não, também na Escola, presentificando a psicanálise no mundo (extensão).

Foi justamente o ato psicanalítico que levou Lacan a “formalizar um laço social afeito à psicanálise e isso dirigiu a maneira pela qual quis que sua Escola se orientasse. O que é uma escola de psicanalistas é o mesmo que se perguntar o que é o laço social do discurso do analista”¹¹.

Está na Carta da IF: “Uma Escola é feita para sustentar essa contingência [a do ato analítico] dando-lhe o apoio de uma comunidade animada pela transferência de trabalho”. Transferência de trabalho é a força motriz e o nome do laço possível entre analistas.

A transferência de trabalho mantém aberta e viva a aposta de Lacan: a Escola. Essa se faz a cada texto, a cada fala, a cada cartel, a cada passe... Trabalho que cada um transfere a partir da “participação na falta que anima o trabalho do outro”¹². Não é um laço por afinidade, simpatia ou afeto. É uma identificação feita por participação. “Cada um pode se identificar, com cada um, enquanto trabalhe a partir de seu não saber”¹³.

Naquilo que te causa, reconheço algo que enlaça. Cada um se faz com a solidão e com isso, junto a alguns outros, vai se fazendo uma Escola possível de sustentar a psicanálise.

Seja em intensão ou em extensão, “o que constitui nosso trabalho é o ato, e Há alegria”¹⁴.

Mas “é preciso, entretanto, abrir as janelas para sermos tocados por ela”¹⁵.

Assim, finalizo com o questionamento convocatório de Lacan, feito há 57 anos, para cada um de nós analistas: “que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso trabalho?”¹⁶.



⁸ Potkay, A. (2010) *A história da alegria: da Bíblia ao Romantismo tardio*. São Paulo: Ed. Globo, p. 9.

⁹ *Idem*, p. 95.

¹⁰ De Battista, J. (2023) *Mind the gap: o não reconhecido do passe*. Wunsch 23, p. 65.

¹¹ Torres, R. (2013) *Do ato psicanalítico ao discurso do analista: a estrutura do campo lacaniano*. Tese de doutorado, IP-USP, p. 201.

¹² Soler, C. *Qué es lo que hace lazo?*, p. 65.

¹³ *Idem*, p. 64.

¹⁴ Fingermann, D. T. (2019) *Do impasse do discurso ao dizer Outro: um salto. Há alegria!*, Wunsch 19, p. 38.

¹⁵ Prates, A. L. *Com as janelas abertas para o passe 2*. Trabalho apresentado na Jornada de Escola de 2024, em Paris.

¹⁶ Lacan, J. (1967) Alocução sobre as psicoses da criança. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003, p. 367.

Esther Morère Diderot



Esther Diderot é psicanalista, Membro da Escola Epfcl-France, estuda e pratica a psicanálise em Paris. Foi eleita do polo, delegada, secretária do Conselho de Direção da Epfcl-France (2019-2020); Participa em vários tipos de cartéis: efêmero, intercontinental, nacional, e como +1. Intervem em seminários no Campo Lacaniano, seminários de Escola e Jornadas Nacionais.

A GRAÇA DO CARTEL INTERNACIONAL, SEU TURBILHÃO

Agradeço ao CAOÉ pela proposta de fazer uma intervenção nessa meia jornada cujo tema é “O tornar-se analista e o ato do psicanalista”. Sendo assim, vamos abordar as conexões que surgiram sobre esse tema, partindo do trabalho que resultou de nosso cartel internacional, no qual participei de julho de 2021 a julho de 2023, com Miriam Pinho, Sheila Skitnevsky, ambas do Brasil, Ali Tissnaoui, da França, e Coralie Vankerkhoven, da Bélgica, nossa mais-um.

Pensar a psicanálise além das fronteiras remete, de certa forma, à posição do inconsciente, que não se importa nem um pouco com elas; aqui está algo que desperta a minha curiosidade e quando Ali Tissanoui me propõe de participar desse cartel, de imediato, acho essa proposta entusiasmante. Além disso, como bilingue franco-espanhola, essa era uma experiência que eu desejava ter e que continuarei a repetir, provavelmente para compreender um pouco mais o desejo de saber e as questões sobre a língua que, no meu caso, são complexas devido ao bilinguismo. Aqui, trata-se de experimentá-las considerando a particularidade do nosso cartel, no qual vários idiomas circularam – o francês e o espanhol em grande parte, com alguns momentos fecundos de tradução, as vezes notas de português e até mesmo uma pitada de inglês.

Alegria compartilhada

O que foi rapidamente sentido foi uma alegria compartilhada, a de conseguir nos reunir através do zoom mesmo diante de todos os obstáculos: traduções, conexões, fusos horários diferentes, férias, greves, resquícios da pandemia... como se, paradoxalmente, o

que poderia se apresentar como uma desvantagem produzisse um a mais. Mais vacilação? Mais desconforto? Uma incógnita a mais que reenvia para além da questão do desejo do analista, à questão de um desejo bem firmado. Esforçar-se para se reunir, começar o trabalho, tropeçar em um termo, criando surpresa e incompreensão, nada disso nos desmotivava. Pelo contrário, retomávamos o trabalho com um empenho rigoroso, resultado dessas trocas numerosas. Experimentar esses obstáculos destacou esse “eu posso saber”, o saber furado, que a experiência do cartel, órgão primordial da Escola, pode produzir. Partir da ignorância de cada um, direcionada à Escola, possibilita questões que produzem fragmentos de saber; isso é o que mantém nossa comunidade viva, tendo a transferência de trabalho como base, seu risco e sua aposta. Trabalhamos longamente em torno do Ato de fundação, e disso resultou o título do nosso cartel: “O cartel como lugar e experiência da transferência de trabalho internacional”. Essa experiência de trabalho, que mistura o singular e o coletivo, nos remete ao ato de fundação¹⁷: “O ensino da psicanálise só pode ser transmitido de um sujeito a outro através das vias de uma transferência de trabalho. Os seminários, incluindo nosso curso de *Hautes Études*, não fundarão nada se não se referirem a essa transferência.” Aqui há, então, uma transferência que circula, transferência que cria um laço novo, transferência à Escola¹⁸: baseada em uma outra identificação ao grupo, a identificação ao objeto que falta e causa o desejo

Da intensão para a extensão

O trabalho do nosso cartel continuou com a leitura da Proposição de 9 de outubro de 1967 e vários textos da revista *Wunsch*, em particular, textos sobre o passe e a função de AME, encontrados nos números 20 e 23. Havia um estilo transatlântico e outro mais europeu? Se algumas diferenças – ligadas à história do país, à sua política, à sua cultura, à sua língua, ao lugar da psicanálise, a essência da psicanálise – podiam aparecer, esse “acreditar no inconsciente” permanecia o mesmo. Surpreendentemente, nossos desejos de leitura de certos textos se encontravam, reforçando ainda mais o nosso desejo de saber. Em que o cartel internacional favorece em relação ao desejo do analista ou ainda o ato psicanalítico? Eu poderia responder que, sair do nosso conforto, esse de participar de cartéis a nível nacional com cartelizantes que conhecemos bem, produz um efeito de novidade, de surpresa também, e isso coloca em evidência a questão da psicanálise em extensão de uma forma mais marcada, mais em destaque.

Surge, então, um avanço em direção ao desconhecido, em direção ao Real da Escola. Aqui não nos colocamos do lado de se tornar analistas, do psicanalista funcionário bem instalado em sua poltrona; algo que Lacan combateu ao longo de todo o seu ensino, especialmente após a sua excomunhão da IPA em 1963. Combater a rotina, não ceder de seu desejo, é a

17 J. Lacan. Ato de fundação, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 242.

18 J. Lacan, *Seminário Os Não Tolos Erram*, inédito.

isso que o cartel internacional favorece de maneira bastante desconcertante e intensa, provocando o turbilhão esperado, com a questão do ato do psicanalista no horizonte, aquele permitido pelo tripé: análise pessoal, supervisão e trabalho com textos teóricos, acompanhados dos dois dispositivos da Escola: o passe e o cartel como pontos de mira¹⁹. O passe e o cartel são paradigmas da articulação borromeana, segundo a qual, se um dos três se libera, o tripé da formação do analista não se mantém. Caso contrário, o discurso do analista não funciona e desvia-se para os outros três discursos, recaindo na histerização, na mestria, ou pior, na universalização do discurso universitário.

O órgão da Escola, o cartel internacional em seu coração

Em que o cartel internacional favorece o turbilhão?²⁰ Esse tema, o turbilhão, que faz referência à vida, ao movimento, e que foi utilizado por Lacan para denunciar os efeitos de cola após a dissolução da Escola Freudiana de Paris em 1980, é forte. Ele reposiciona o cartel no centro da Escola como órgão essencial que previne os efeitos de cola que não produzem decolagem. O cartel contribui para um mais de saber, em conexão com o desejo próprio a cada um, provocando um laço novo no grupo. Cartel/órgão, de qual órgão se trataria? Se fosse orgânico, poderíamos pensar no coração; sendo assim, o cartel internacional teria um grande coração capaz de abraçar melhor a sua comunidade? Para concluir retomando o ato psicanalítico, ele também favorece outro vínculo devido a uma travessia, na qual um novo amor se torna possível. Se o ato psicanalítico é a passagem do trabalho analisante para a posição de analista – definição que parece simples, mas que carrega muitos desdobramentos – o acontecimento mais marcante seria o surgimento de um novo desejo, inédito. Então: Viva o cartel internacional que sustenta o turbilhão, e que a existência da Escola, com a formação dos analistas em seu seio, seja fecunda.

Tradução: Daniela Batista

Revisão: Glaucia Nage

19 D. Fingermann, La (Dé)formation du psychanalyste, Editions NCL, p. 27

20 J. Lacan, Monsieur A, 18 mars 1980, Ornicar? N°20-21

Gabriela Gomes Moreira



Psicanalista com Prática Privada em Los Angeles, membra do Fórum Califórnia, onde coordena diversas atividades de formação, e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo, Brasil. Publicações incluem: Psicanálise e Teoria Política (2018), Reflexões sobre Autoridade: Um Diálogo entre Hannah Arendt e Jacques Lacan (2018), Gozo como Categoria Política (2019) e Deixar-se Causar pela Estrangeiridade (2021).

O CORPO COMO EVIDÊNCIA

O título desta proposta de intervenção me suscitou uma questão sobre a temporalidade da formação do analista. A noção de 'advir' implica um processo que ocorre em etapas, algo que perdura por um certo período de tempo, tem uma duração. Por outro lado, a temporalidade do ato analítico enfatiza mais a noção de corte de uma lógica temporal que está em vigência, a interrupção de um processo que está seguindo em certa direção, o que terá estabelecido, no depois, uma ruptura na continuidade temporal, criando um antes e um depois. Como diz Lacan em o "O ato psicanalítico. Resumo do seminário 1967-1968": "[...] nada pode fazer com que exista um psicanalista senão a lógica pela qual o ato se articula num antes e num depois [...]" (p. 375).

Esta ruptura temporal indica a inauguração de algo que não corresponde à lógica que governava o momento anterior, ela provoca uma descontinuidade. Isso não está presente na ideia de advir, a qual sugere um acúmulo de transformações a resultarem em uma mudança que é significativamente diferente do estado inicial, mas que pode ser antecipada desde o início. Advir significa sucessão, chegar como consequência de algo, resultar de algo.

Dessa forma, entendo que há uma diferença nas modalidades temporais contidas no tema proposto para estas intervenções, a saber, o ato evoca uma ruptura temporal enquanto o advir evoca a continuidade no tempo. Esta diferença não me soou como uma contradição propriamente, mas como dois modos de abordar a temporalidade da formação do analista, isto é, um sujeito que fez um trabalho ao longo de uma duração temporal mais ou menos contínua chega a um lugar imprevisível pela descontinuidade promovida pelo ato psicanalítico.

Nesta oportunidade, gostaria de trazer um ponto sobre a questão do corpo na formação do analista, seja no nível do advir, seja no nível do ato psicanalítico. Em “Televisão”, Lacan menciona que o fato do corpo estar recortado pela linguagem o faz meio do pensamento, o que é atestado pelo sintoma: “[...] o sujeito do inconsciente só toca na alma através do corpo, porque nele introduz o pensamento; [...] Ele [o homem] pensa porque uma estrutura, a da linguagem, [...] recorta seu corpo, e nada tem a ver com a anatomia. A histérica o atesta. Esse cisalhamento chega à alma com o sintoma obsessivo: pensamento com que a alma se embaraça, não sabe o que fazer.” (p. 511) Em diversos momentos de uma análise, o corpo pode ser tocado, já que a economia pulsional se reconfigura - as conversões se deslocam pelo corpo, o pensamento ruminante por vezes silencia, a hipocondria cede, o corpo mortificado volta e meia se levanta. Mas como o corpo é colocado em jogo por ocasião do ato psicanalítico ?

“O ato psicanalítico,” Lacan diz no resumo do seminário que leva este nome, “nós o supomos a partir do momento eletivo em que o psicanalisante passa a psicanalista.” (p. 371) E ele completa: “é um ato tal que, em seu fim, destitui o próprio sujeito que o instaura.” (Ibid.) A destituição do sujeito que se sustentava na fantasia dá lugar a um novo desejo, o qual não deve nada a ela, e que Lacan chamou de desejo do analista. Um desejo que não visa dar sentido, ajudar, ou conduzir o analisante a qualquer lugar. Ele visa à diferença absoluta, a qual não se orienta por nenhum predicado, nem se define por contrastar com a semelhança .

Em face do desejo que não responde à fantasia, produz-se uma descontinuidade na lógica desejante e isso tem um efeito sobre o corpo pulsional. Como diz Rostagnotto: “[O desejo do analista] [a]crescenta *suplementarmente* um destino à pulsão, desprendendo-se de seus caminhos mórbidos sintomáticos, acrescenta propositivamente esse desejo de diferença.” (Wunsch n.23, p.55, grifo do autor) Enfatizo a noção de “acrescentar” trazida por Rostagnotto. Não se trata de uma novidade da ordem dos deslocamentos e rearranjos produzidos dentro de uma certa lógica desejante - desejo insatisfeito, desejo suspenso, desejo mortificado, etc – mas de algo que se adiciona a partir de uma lógica heterogênea, a da diferença absoluta .

No seminário 15, Lacan diz que, ao fim de uma análise, o desejo se traduz como castração, uma coisa que não é apenas formulada, mas, sobretudo, encarnada. (Lição de 10 de janeiro de 1968) O envolvimento do corpo, assim entendido, consolida a operação da verdade que tem lugar na análise, estabelecendo um senso de não retorno. Nesse sentido, algum efeito no corpo é necessário para que se evidencie o desejo do analista. Abordo a ideia de evidência, aqui, pela via freudiana, a saber, algo que confirma desde o inconsciente, já que o saber psicanalítico não se orienta primariamente por aquilo que pode ser reconhecido dentro da experiência subjetivada ou por marcadores externos. Em “Construções em Análise”, Freud reflete sobre como se certificar que uma construção do psicanalista chegou

ao seu destino. E sua orientação é muito clara: "O sim [do paciente] não possui valor, a menos que seja seguido por confirmações indiretas, a menos que o paciente, imediatamente após o 'sim', produza novas lembranças que completem e ampliem a construção. Apenas em tal caso consideramos que o 'sim' tratou completamente do assunto em debate." (p.297)

Em suma, uma análise que é levada a cabo reconfigura algo da ligação do desejo com o corpo, permite uma certa encarnação do sujeito do desejo, dando lugar a um destino pulsional desconhecido até então. Nos casos em que desejo do analista tem lugar, esta modalidade desejanse oferece um novo destino para a pulsão, o desejo da diferença absoluta. Dessa forma, a presença de efeitos corporais evidencia o ato psicanalítico.

Referências Bibliográficas:

Freud, Sigmund. "Construções em Análise". In *Edição Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. 23, pp. 290-304.

Lacan, Jacques. "O ato psicanalítico. Resumo do Seminário de 1967-1968." In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003. PP. 371-179.

_____. O seminário, livro 15. O ato psicanalítico. Versão não publicada.

_____. "Televisão". In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003. Pp. 509-543.

Rostagnotto, Alexandre. "O Passe ao Desejo do Analista". In *Wunsch* n.23., Março 2023. Pp. 52-56. Acessado em: <https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch23.pdf>



Bernard Toboul



Ele é AME da EPFCL e acaba de sustentar 5 anos de seminário sobre alingua na Escola, cujo terceiro volume (2021-2023) acaba de ser publicado pela Éditions Nouvelles du Champ Lacanien: "L'inconscient à l'heur de lalangue"

O PASSE INQUIETA A CURA

Sendo o próprio princípio do passe que a psicanálise em intensão é a base de sua extensão (em direção à Escola), nosso cartel se perguntava quais seriam, em contrapartida, os efeitos do passe sobre a intensão (a cura e sua conduta).

Nós tomamos como viático²¹ um texto de Colette Soler de 2008: "O ato analítico no campo lacaniano" (Revista Campo Lacaniano, 2009/01, n.7).

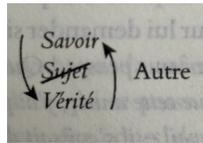
Para sustentar essa leitura, restituir os fundamentos me pareceu necessário. Uma vez interrompido o Seminário O Ato Analítico, Lacan o retomou no ponto de parada para reabrir o questionamento. Alguns textos servem de marco.

Grande relançamento, a aula 22 do seminário *De um outro a Outro* de 4 de junho de 1969, ou seja, um ano após a interrupção do seminário *O Ato*. Lacan postula que é preciso partir do fato de que o Outro é "a estrutura original" (p.331), ou seja, o lugar do tesouro do significante e, portanto, a condição de emergência de um sujeito. Consistentemente, o que torna possível a experiência de uma análise é "confiar nesse Outro como o lugar em que o sabe se institui, no sujeito suposto saber" (p. 334).

Não é apenas um apelo à ordem após os inquietantes "acontecimentos" de 1968 porque ela se baseia em uma fórmula-chave da conferência de 19 de junho de 1968, primeiro texto que Lacan retrabalha após a interrupção de 15 de maio de 1968. "É somente no nível do Outro que aquilo que determina o sujeito se articula no saber". Para compreender toda a

21 "viático", tanto farnel que se leva em uma viagem quanto sacramento da igreja católica. in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/vi%C3%A1tico>.

sua importância, é preciso se reportar ao esquema da página 286 do seminário O Ato. É um oito interior que representa a psicanálise em intenção e se dobra uma escrita.



O comentário seria: no tratamento, o Outro faz por efeito que a verdade quem como gozo determina o sujeito, se dê a saber ali. Mas para estabelecer a “verdade como gozo”, são necessários dois marcos adicionais. A 22ª lição (p.335) que diz que “a Coisa freudiana, essa verdade – é a mesma coisa – tem a propriedade de ser assexuada” e o seminário *O avesso da psicanálise* que coloca a verdade, irmã do gozo.

E é através da tese de que o saber produz o objeto a que o desenvolvimento da problemática sobre o gozo está envolvida. Isso é anunciado (22ª lição, p. 335) ao afirmar que o pequeno a é produzido pelo saber por substituir “o impasse da relação sexual” e, ao mesmo tempo, como causa substituta da falha do sujeito (p. 336). O objeto a foi, assim, considerado correlato à castração.

Aqui, a primeira iluminação do texto de Colette Soler: “A última palavra não é a castração, ela é antes o primeiro passo da análise, que condiciona, no final, o vislumbre do real como tampa do impossível.”. Vamos ver que isso se trata de uma distância da verdade.

Mas, primeiro, é preciso dar ao objeto a o seu lugar na nova concepção de tratamento que Lacan então propõe. Por isso, ele pontua sua afirmação com uma de suas inquietantes questões: “O analista sabe ou não o que está fazendo no ato analítico?” (p. 336).

Isto será a condição de “desempenhar o papel do objeto a, com todo peso que isso comporta”. O analista então entra no jogo com o “trunfo mestre” e Lacan declara (p. 341) que somente “hoje que levei meu discurso sobre o ato psicanalítico até esse ponto” (idem). Isto é o que não tinha sido alcançado antes da interrupção do ano anterior. O resultado será, no seminário do ano seguinte, *O avesso da psicanálise*, o matema do discurso do analista em que o pequeno a é colocado na posição de agente.

Duas consequências disso: A primeira anunciada, ainda na lição 22: o analista, no papel de pequeno a, faz semblante de causa de desejo. A segunda é que a análise questiona em termos de gozo a relação do sujeito com o significante (Lacan disse isso no mesmo ano em que *O avesso*, em 1970, foi finalizado em Radiofonia).

Essas duas consequências são em si duas séries de prolongamentos. O primeiro bem conhecido. É o Outro, como sujeito suposto saber, que vacila quando o objeto a investe o lugar e se torna agente do discurso do psicanalista. Segue-se que se o sujeito suposto saber é o fundamento da transferência, a sua destituição constituiu um horizonte e, portanto, um objetivo, o de uma análise com um fim. É uma abertura, uma lufada de ar

onde o fantasma da “didática” se dissipa e onde a autorização se desenha na intenção. O relatório do seminário O Ato, de junho de 1969 afirma: O ato está ao alcance de cada entrada em análise.” (Outros Escritos, p. 371).

A segunda série, efeito de uma interrogação da relação do sujeito com o significante, leva ao que Colette Soler chama em seu texto de “adventos do real”. Porque tudo se resume ao jogo do uso de significantes. Colette Soler descreve a alternância-equilíbrio, no tratamento, de dois lados: a decifração dos sentidos e a apreensão de significantes sem sentido entregues às formações do inconsciente (no modelo de lapsos).

Como saída desse balanço, uma “terceira satisfação” é anunciada. Não se trata, então, de um saber, mas de um “afeto de realidade” e o que aí se percebe é “o real como trava do impossível”.

Assim, o campo deserto de sentido coloca a análise para além das construções simbólico-imaginárias das quais o mito de Édipo é emblema. Eu deixo aqui a última palavra da 22ª lição: esse terá sido identificado como “o nó do gozo na origem de todo saber” (p.350²²).

Tradução - Lucília Maria Abrahão e Sousa
Revisão: Glaucia Nagem (Fórum Sao Paulo)

ooo

22 Esta referência não foi encontrada na versão em português.

Matías Laje



Matías Laje exerce sua prática analítica em Buenos Aires. Membro da EPFCL e do Foro Argentino - Polo Buenos Aires, ele coordenou o Colégio Clínico del Río de la Plata para os anos de 2023 e 2024. Participou da Escola em várias instâncias, incluindo seu papel como passador e como membro do Cartel-Seminário da Escola "Psicanálise em Extinção", que já está em sua quarta edição. Ele é PhD em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires, e é responsável pelo ensino, atendimento clínico e pesquisa na Universidade.

A FUNÇÃO DO PASSE NO TEATRO DE LALÍNGUA²³

Uma máscara nos diz mais do que um rosto.

Oscar Wilde

O trabalho do cartel teve como eixo, desde o primeiro momento, a questão do ato analítico e, em seu horizonte, as diversas incidências do passe nas análises. No meu caso, um saldo foi a clarificação da experiência de lalíngua no passe, a função que aí tem os corpos no nível pulsional e o efeito *après-coup* na análise em intensão. Para isso, quero recuperar uma expressão de Lacan com uma reescritura mínima: a hystriionização²⁴.

Em primeiro lugar, no escrito de Chantal, publicado em *Folhas Avulsas 3*, há uma ideia sobre a lalíngua no passe que é adequada neste ponto²⁵:

"Se não é possível dizer esse momento com os ditos, só pode se provar com os afetos incorporados ao real, em particular aqueles produzidos por lalíngua." [Attachés, em francês: incorporados e, também, agregados ou enganchados].

A pergunta por lalíngua e os corpos não tem, aqui, um interesse em si mesmo, mas na medida em que concerne à Escola porque toca a topologia do passe no nível da transmissão. Alguns anos após a *Proposição*, Lacan falou de "histrionização"²⁶ em relação ao passe em sua resenha do seminário sobre o Ato. O procedimento do passe, quando hystriioniza – com "y" – o ato analítico permite situar lalíngua no dispositivo, adicionando

²³ Cartel: Efeitos do passe sobre a psicanálise em intensão : Membros: Agnès Metton, Marc Strauss, Bernard Toboul (Plus-un), Matías Laje, Leonardo Pimentel, Chantal Degril

²⁴ Esta palavra em português foi traduzida por "Hystorização". Mantemos o termo tal qual está traduzido para o espanhol para manter a articulação do autor.

²⁵ Degril, Ch. "L'esp de lalangue en el pase", publicado em *Hojas sueltas*. Boletín aperiódico de los Carteles de Escuela del CAOE, intercontinentales y bilingües, n. 3. É uma apresentação da meia jornada animada pelo CAOE "Los analistas son los sabios de un saber sobre el que no pueden conversar". *Transferencia de trabajo: cartel, pase*.

²⁶ Lacan, J. L'acte psychanalytique. En *Autres écrits*. París: Seuil, p. 382.

essa dimensão ao que pode ser esperado acerca da exposição do próprio caso. Um risco aqui é que a discricção de não dar a entender muito com a hystriionização reduza o assunto a um esoterismo das sensações. É a estrutura do ato analítico que impõe sua condição paradoxal ao dispositivo do passe. Dado que o ato se prova pelo real, os ditos e sua lógica contam; algo deve ser dito! Mas não é apenas aí que se joga o que importa. E se o ato prova o real do próprio nó, como propõe Lacan, o ato prova e coloca à prova o objeto a. Sem os corpos falantes, há objeto a? Não seria desprovido de interesse voltar à preocupação de Freud em sua *Contribuição à história do movimento psicanalítico*, ao que me interessa de sua hystoriola com "os suíços"²⁷:

"A libido sexual foi substituída por um conceito abstrato que, podemos afirmar, permaneceu como algo misterioso e inatingível tanto para os sábios quanto para os ignorantes. O complexo de Édipo foi entendido apenas 'simbolicamente'."

Isso se relaciona com a pergunta de Chantal sobre lalíngua na Escola no nível do passe. A transmissão não é do saber, isso está claro, é um ponto de contato na diferença. Gostaria de situar aqui algumas reflexões sobre minha experiência como passador, o que aconteceu durante a parte final do cartel. A dimensão de lalíngua no passe não é nem o gozo da palavra nem um encontro no silêncio inefável. É algo que deve ser verificado no nível da pulsão. Então, quem é o interlocutor apropriado para receber e colocar à prova o testemunho de uma análise?

Por outro lado, não se trata de estimular os gestos, pois sabemos que o ato não está nos seus gestos, mas no que se segue a eles, de acordo com Colette Soler²⁸. E Marc nos lembra disso em *Folhas Avulsas 2*, quando sublinha que "a escolha do discurso analítico não é a do drama"²⁹. É verdade, mas não podemos esquecer que em uma Escola de Psicanálise o discurso não é o analítico. Seria impossível, somos muitos para um só divã. O discurso analítico não é o da Escola, embora a inspire. Melhor dizendo, é um discurso que ex-siste aos laços na Escola, é sua base.

O que me interessa nessa hystriionização não é seu lado de inautenticidade, que considero ser o uso que Lacan lhe dá em seu texto sobre o ato e para onde entendo que Marc aponta. Hystriionizar, com "y", tem mais a ver com uma disposição à contingência de lalíngua no passe, disponível para o momento de existência que implica escutar ali. Alcança o primeiro plano a questão da permeabilidade do passador em se deixar afetar por lalíngua para transmitir essa diz-mensão [*dit-mansion*] do ato, sem, contudo, prestar-se a uma simulação ou se entregar ao inefável da vivência.

No meu caso, o efeito discursivo dessa experiência de lalíngua como passador foi uma disposição ao trabalho durante o procedimento, e, em minha análise, isso me permitiu

27 Freud, S. (1914). Contribución al movimiento psicoanalítico. En *Obras completas*, tomo XIV. Buenos Aires: Amorrortu, p. 59-60.

28 Soler, C. (2009). L'acte analytique dans le champ lacanien. En *Champ lacanien*, 2009/1 (N° 7), pages 139 à 147.

29 Strauss, M. "Esto nunca más?", publicado en *Hojas sueltas*, n. 1. Jornadas septiembre 2022.

captar o ponto de término em que me encontrava e para onde queria finalmente me dirigir. Isso que, no passe, é um falar para encontrar o que segue, falar para tropeçar, inclusive, com o que está por ser dito. Porque, não é assim que às vezes o falante tropeça com seu ato? E para tropeçar, é preciso caminhar.

Sophie Rolland-Manas nos dá um lapso que aponta muito bem para a questão do tornar-se analista³⁰:

"Em um relâmpago, permaneço tomada por três letras H.I.V... 'Ah (j)'y vais' ['Ah, vou para lá]". E é no fulgor desse dizer vinculado ao desejo que se escreve o pedido do passe.

O desejo do analista não é viralizável, não é transmissível, e, pior ainda, de todas as formas requer corpos que o suportem para que a análise possa se reinventar... Por que é assim e não de outro modo? É pelo que o borromeano impõe à análise em seu alcance? Lacan propõe em seu escrito de 1969 que "j'y arrive" é a verificação do ato³¹, muito próximo ao lapso de Sophie. Algo se vivifica no nível pulsional na Escola com esse inconsciente RSI que se produz em lalíngua.

Se Oscar Wilde está certo, uma máscara é mais eloquente do que o real em si. Nesse sentido, há uma dimensão do passe que inclui, mas não se limita ao epistêmico. O efeito discursivo do passe que convém não é a doxa inevitável, mas o que o passe produz no nível de uma discursividade nesta Escola, causando um trabalho de psicanálise para interrogar não apenas o tornar-se analista, mas o tornar-se do ato analítico. E então, como ocupar lacanianamente o campo freudiano se a experiência do inconsciente se reduz à linguagem?

Tradução: Fabio Luiz Ferreira N. Franco (Fórum Sao Paulo)

ooo

30 Rolland-Manas, Sophie. TRAVERSEE DE CURE... FRAGMENTS DE PASSE. En Wunsch 20.

31 Lacan, J. L'acte psychanalytique. En *Autres écrits*. Paris: Seuil, p. 375.

Cora Aguerre



Psicanalista en Vigo

AME da EPFCL

Membro do LIPP (2020/2024)

Membro da Asociación Psicoanalítica de Galicia (APsG) Foro Galego de Psicoanálise

O DEVIR ANALISTA: O ATO DO PSICANALISTA.

No início está o ato do psicanalista que faz uma oferta: fale o que vier a sua cabeça.

Esse é o procedimento que Freud instaurou em sua aposta de colocar o sujeito ao trabalho, para abrir a oportunidade de que a cura se coloque em marcha.

Nós chamamos de entrevistas preliminares o tempo prévio à entrada em análise.

Os sujeitos chegam com um mal estar, uma queixa, e deverá haver uma retificação subjetiva que permita fazer dessa queixa um sintoma. Por efeito de linguagem, pela presença do analista e sua aposta, o sujeito se encontra implicado com aquilo que produz seu mal estar.

O desejo decidido do analista, daquele que sabe que a associação livre tem efeitos, e que aqueles que percorrem o caminho podem encontrar algo novo, inédito, tem consequências no início da cura, no caminho, e no final da análise.

Alguns sujeitos, dão o passo e entram em associação livre, e outros não, não irão mais além, recusam esse saber que vislumbram.

Na entrada está a surpresa, naquilo que toca, comove, envolve o sujeito e o divide.

Para que o caminho se inicie, contamos com a transferência, o analista se faz investir como objeto libidinal do analisante, e com a associação livre. Sabemos que nem tudo se pode dizer, o “diga o que vem a sua cabeça”, supõe um impossível, que funciona. O analista, se há do analista, pretende ocupar esse lugar de objeto causa. Em seu seminário XVII, “O Averso da Psicanálise”, Lacan dirá que “o analista trata de ocupar esse lugar esse lugar acima à esquerda que determina seu discurso, é precisamente porque não está aí em absoluto por si mesmo”.

Não há universal do psicanalista, esse é seu mérito, nos diz em “O Ato. Analítico”, não há todo psicanalista. Ele é instrumento na cura e ocupando esse lugar, pela estrutura do discurso analítico, o sujeito pode passar à posição de analisante.

Para que haja analisante, tem que haver o psicanalista, mas o ato também está do lado daquele que se torna analisante. Por outro lado, para que haja analista, deve haver analisantes.

No ato analítico, o psicanalista, não está como sujeito, e é sem pensar que opera. Isto, o analista sabe, mas este saber sobre o ato é paradoxal, pois é um saber intransmissível, sobre o qual não se pode falar, discutir, pois justamente escapa ao “eu penso”. O ato analítico não é predicável,

nem se historiza. Opera, tem efeitos, mas isto está do lado do analisante. Do lado de quem o efetua, não há rastro. O ato não identifica o analista. O analista não pode sustentar apenas esse saber. Precisa de outros que reconheçam esse saber. Isto empurra os analistas a se associarem, a fazerem comunidade, inclusive quando o saber está sempre sob suspeita. Colette Soler, em seu livro "A Política do Ato", fala da enfatuação dos analistas, como efeito por uma parte desta particularidade do saber, e por outra, pela queda, como desfecho da operação a que está destinado o analista.

Há um real que opera e que não pode ser capturado.

É um saber de um por um, que não faz totalidade. Recordemos aquilo que Freud nos advertia e que Lacan retoma em "O Averso da Psicanálise", cada caso deve ser abordado como o primeiro, não há uma acumulação do saber, este escapa, um relâmpago ilumina a escuridão e ao mesmo instante se faz noite novamente. Este saber, se satisfaz recomeçando a cada vez.

Jacques Lacan, em "Conclusões do IX Congresso da Escola Freudiana", afirma que a psicanálise é intransmissível. Textualmente diz "É muito chato que cada psicanalista seja obrigado – posto que é necessário que seja obrigado – a reinventar a psicanálise". Isso supõe uma precariedade para os analistas e para a Escola, mas por sua vez é o que nos anima a buscar, e encontrarmos com o novo.

Esta questão foi abordada por Lacan e a resposta que ele dá será sua Proposição de 1967, que é do mesmo ano que seu seminário sobre o Ato analítico. Nela propõe o passe, para poder capturar algo dessa operação, que no final permite a queda do analista e o passe do analisante a analista. O sujeito, no ato, deixa de se colocar na cadeia e faz bascular seu lugar de objeto. A proposição é rejeitada em seu movimento por subverter a hierarquia que imperava institucionalmente.

A proposta do passe é subversiva e paradoxal, pois dizemos que o saber do ato é intransmissível, que no ato não há sujeito, mas sem dúvida Lacan faz a aposta. O que é que pode ser transmitido nesse salto de analisante à analista? No dispositivo do passe e na escuta dos AEs comprovamos por um lado que as análises funcionam, quase que por si só, por efeito do discurso analítico e nos revela o estrutural, o que se repete, e por outro lado, a singularidade de cada um. Mas, o que se espera desse dispositivo? Se espera algo desse saber do ato possa ressoar através do dizer do passante aos passadores e desses ao Cartel. Uma vibração se produz, algo toca, comove àqueles implicados pelo que se produz em uma nomeação.

A política de nossa Escola tem que se virar com esse impossível que existe na formação e na prática do analista. Esse impossível que concerne ao psicanalista tem consequências a nível político, e a Escola assenta suas bases nele. É por ele que Lacan institui o passe em sua Escola, para cernir esse impossível.

O inconsciente é a política, intensão e extensão, funcionam moebianamente, uma leva à outra. Pensar a psicanálise não é tarefa de um só, senão de todos aqueles que como analistas se autorizam de si mesmos e de alguns outros. A escrita se impõe como produção de saber, que permite abordar o possível e demonstrar o impossível com o qual nos encontramos em análise.

Aqueles que contribuem com suas reflexões, elaborações, a sustentar o discurso analítico, colocam seu desejo, mas também o corpo está presente em psicanálise desde o início até o final.

Tradução: Danielle Salfatis (Fórum Sao Paulo)

FIM

(até logo)

